

ERAM OS ÍNDIOS ASTRONAUTAS? (PRE)VISÕES DO BRASIL NA “ERA” DO VIRTUAL

Suzane Lima Costa

Universidade Federal da Bahia

E-mail: suzane.costa@terra.com.br

RESUMO

No conto *Eram os índios astronautas?*, o escritor carioca Jorge Luiz Calife dá mostras de como se configuraria o Brasil na era do virtual, ao nos apresentar vários futuros imaginados que vão desde simulacros produzidos pelas viagens espaciais que, com a ajuda dos computadores, bifurcam a noção de tempo, até a construção do futuro das nações na era do saber digital. Suas produções têm como protagonistas o saber informatizado e a sua contribuição para outras possíveis conquistas espaciais do homem, bem como o impacto desse saber no futuro de países periféricos como o Brasil. Esse tipo de produção textual sempre foi um privilégio, culturalmente aceito, dos países pós-industriais, o que não quer dizer que não tenha disseminado para os países menos desenvolvidos. Fazendo um estudo de como vem se configurando a produção de ficção científica no Brasil, pretendo questionar, a partir desse conto, de que forma o discurso acerca do saber informatizado, quando circunscrito nos países periféricos, é interpelado pela produção e disseminação das estratégias discursivas do poder discriminatório.

Palavras-chaves: estereótipo, saber tecnológico, Brasil.

Nossos objetivos não são a salvação, mas a descolonização e a transformação da rigidez de *fronteiras* epistêmicas e territoriais estabelecidas e controladas pela colonialidade do poder, durante o processo de construção do sistema mundial colonial/moderno.

Walter Mignolo. *Histórias locais /Projetos globais.*



“Um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”. A célebre frase de Neill Armstrong, no dia 20 de julho de 1969, não só marcou o início das conquistas espaciais norte-americanas, mas também fomentou a construção do imaginário de cerca de um bilhão de pessoas, que assistiram a transmissão da chegada do homem à lua. A metáfora do “pequeno passo” que se transformou num “salto gigantesco” já operacionalizava os dispositivos que hoje representam o sistema hierárquico de poder no mundo globalizado.

Desde o início da corrida espacial, e mesmo sendo sobrepujado pela então União Soviética, em todos os passos da conquista do cosmos, os EUA já tinham determinado que a ida à lua seria usada para mostrar seu poderio tecnológico e científico ou, mais precisamente, para mostrar que o uso do saber tecnológico redesenharia as relações de poder entre nações, organizações e indivíduos.

Os desdobramentos discursivos que estão na superfície desses e de vários outros discursos sobre a conquista do espaço permitem perceber as diferentes tecnologias de dominação, os complexos de poder que se constituem no curso da história e, principalmente, a forma como estas narrativas são divulgadas em rede (com sucessivos reajustes e suplantações, de antigos por novos complexos de poder) na nossa sociedade.

Os romances e filmes de ficção científica compõem a lista dos diversos veículos de divulgação desses discursos no nosso cotidiano. A construção do imaginário tecnológico nessas narrativas desperta interesse pela micropolítica ou, na expressão de Foucault, pela microfísica dos poderes que as põem em jogo nas sociedades contemporâneas.

O cinema parece ter captado perfeitamente as atribulações causadas pelo saber tecnológico. Nas produções de George Meliès¹ temos a provável primeira apologia fílmica sobre as construções do universo tecnológico em *Viagem à Lua*, produzido em 1902, que continuaria em 1906 com *20000 Léguas Submarinas* e em 1912, com *A Conquista do Pólo*.

¹ Diretor francês (1861 - 1938), que começou a fazer películas em 1896. Sua prática como mágico acabou influenciando-o e levando-o a produzir truques cinematográficos e a usar o drama em seus filmes. Com essa inovação, o cinema passou a ser efetivamente um entretenimento, ao lado do teatro e da música. Meliès é considerado o pai dos efeitos especiais.



Entretanto, é no período das grandes conquistas espaciais, final da década de 60 início dos anos 70, que vislumbramos como os novos saberes da tecnociência possuem um regime de linguagem que engendra em suas imagens a presença dessas novas formas de controle. Um dos filmes responsável por este corte na série de ficção científica norte-americana foi *2001 - uma odisséia no espaço*, produzido por Stanley Kubrick em 1968. Nele, encontramos o Homem em suas diversas fases de existência, desde quando descobre o uso de um osso como possibilidade de arma, passando pelo domínio do espaço sideral, até a construção de um computador dotado de inteligência artificial.

Resquícios dessas construções estão presentes também em romances, contos e novelas de ficção científica produzidas no Brasil. O gênero conhecido como ficção científica está presente na nossa literatura desde o final do século XIX, embora ainda não se tenha consolidado no cânone como literatura investigativa, marcada pela intervenção da ciência e das novas tecnologias.

No início da década de 60, houve um surto do gênero no nosso país provocado por um grupo de escritores e editores que, na mesma trilha de Jerônimo Monteiro² e Berilo Neves³, alargaram os estreitos caminhos do gênero no mercado editorial brasileiro. Mas foi somente a partir das obras de Jorge Luiz Calife⁴ na década de 80 – *Padrões de Contato*, *Horizonte de Eventos*, *Linha Terminal* - que se tornou possível presenciar a mutação que o gênero atravessava no que se refere ao surgimento das novas tecnologias na nossa cultura.

As obras de Calife apresentam vários futuros imaginados que vão desde os simulacros produzidos pelas viagens que, com a ajuda dos computadores, bifurcam a noção

² Em 1947, Jerônimo Monteiro publicou *Três Meses no Século 81* e, em 1948, *A Cidade Perdida*. Antes haviam surgido alguns textos casuais de autores como: Gastão Cruls, Menotti del Picchia, Érico Veríssimo, Adazira Bittencourt e Monteiro Lobato. Mas ainda não havia uma tradição literária em ficção científica no nosso país.

³ Berílio Neves (1901-1974) também foi um dos percussores da Ficção Científica na década de 30. Neves escreveu historietas futuristas de grande sucesso de público e crítica. Foram mais de quarenta contos. Seu primeiro livro foi *No país das fadas* (1930). Seus contos foram reunidos em dois volumes: *A Costela de Adão* (1932) e *Século XXI* (1934).

⁴ Nascido em Niterói, Jorge Luiz Calife formou-se em Jornalismo pela Faculdade Hélio Alonso, do Rio de Janeiro. Foi repórter da Editora de Ciência do *Jornal do Brasil* e redator da *Unidet Press International*. Atualmente, trabalha no caderno de *Cultura&Lazer* do *Diário do Vale de Volta Redonda*.



de tempo, até a construção do futuro das nações na era do saber informatizado. Suas produções têm como protagonistas o saber informatizado e a sua contribuição para as futuras conquistas espaciais do homem, bem como o impacto desse saber no futuro de países periféricos como o Brasil.

Fazendo um corte na série de ficção científica produzida por Calife, optei por trabalhar nesse ensaio com o conto *Eram os índios astronautas?*, da sua produção mais recente: *As sereias do espaço*⁵. No conto, ao construir o perfil das nações na era do virtual, Calife fomenta a idéia de que nações desenvolvidas como EUA, seriam as grandes dominadoras de territórios espaciais, chamados de Colônias, e conseqüentemente bases do governo da terra. Já o Brasil, devido à falta do saber tecnológico especializado, se transformariam no “país campeão de assassinatos e seqüestros”, se desintegraria devido aos planos econômicos fracassados, e, por fim, chegaria à vaporização de sua capital, voltando, dessa forma, à condição de colônia (agora, do governo da terra).

A partir de uma breve leitura desse conto, pretendo discutir de que forma o discurso acerca do saber informatizado, quando circunscrito nos países periféricos, é interpelado pela produção e disseminação do que Homi Bhabha chama de “estratégias discursivas do poder discriminatório”⁶.

Quando li pela primeira vez o sumário da obra *As sereias do Espaço* minha primeira impressão foi a de que Calife procuraria ali fazer uma reflexão sobre como a ficção científica no cenário brasileiro poderia instalar operações intertextuais, relendo a ficção científica de outras nações, para fazer emergir outras subjetividades e formas de resistências do gênero na nossa literatura.

Ao contrário da minha aspiração em ver na narrativa uma pulsão diferencial, empenhada em desestabilizar os discursos hegemônicos e expor os Outros da cultura ocidental (já que se trata de um texto que, pela primeira vez, envolve o cenário brasileiro em obras do gênero), estava diante de um novo conjunto de produção discursiva que

⁵ Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁶ In: *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 106.



reelabora os parâmetros do poder colonizador e fixa pólos identitários imutáveis na construção do outro.

Minha inquietação começou ao analisar a forma como o narrador descreve a floresta amazônica, e conseqüentemente o Brasil, no século XXIII:

A floresta amazônica formava uma muralha sufocante de árvores, umidade e mosquitos sobre as duas margens do rio negro. Alvin Pereira dava graças aos céus pelo ar refrigerado dentro do *hidroskymer*. O panorama, do outro lado da janela, era o máximo de proximidade que ele queria com o antigo “inferno verde”. Glória Máxime parecia ansiosa para desembarcar naquele matagal asqueroso. “Não se eu puder impedir”, pensou Alvin⁷.

Logo em seguida Alvin, personagem principal da trama, decide resumir para Glória Máxime, um robô criado em Sidney, o que foi o Brasil, o que é a Amazônia hoje, e o que restou dos brasileiros:

- Este lugar aqui, floresta amazônica, já pertenceu a um país chamado Brasil, lá por volta dos séculos XX e XXI(...) O Brasil estava se desintegrando naquela época, depois de uma série de planos econômicos fracassados. Os traficantes de drogas dominaram o país (...). Você viu a cratera de Brasília quando víamos para cá?⁸

Calife dedica duas páginas do conto a descrição da imagem do Brasil no futuro, relatando quem se servia das novas tecnologias no nosso país, e quais as possíveis conseqüências do seu mau uso:

Impressionante uma bomba de nitrogênio fez tudo aquilo em Brasília. Pareceu que caiu um asteróide por lá, não? Foi uma bomba de 25 megatons detonada por um grupo de narcoterroristas (...) há quem diga que os estados do norte forneceram a bomba para se livrarem do governo brasileiro. De qualquer forma, a vaporização de Brasília serviu de

⁷CALIFE, Jorge Luiz. Eram os índios astronautas?. In: *As sereias do espaço*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 193.

⁸ Idem, p. 194.



motivo para a intervenção da antiga união dos países industrializados, o grupo dos Nove (...) localizada em Sidney, base do governo da Terra (...). As tropas do G-9 liquidaram os traficantes de drogas e entregaram a Amazônia aos palestinos.⁹

Em seguida, o autor nos dá uma amostra do que ficou dos índios no imaginário dos novos habitantes do Brasil (os palestinos), ao afirmar que:

Quando os índios desapareceram, muito de sua cultura se perdeu. Mas havia uma tribo que afirmava ter vindo das estrelas. Esses índios diziam que seus ancestrais tinham vivido uma grande estrela, suspensa no alto dos céus. Um dia eles resolveram morar na floresta, baixaram uma corda e desceram até chegar na floresta.¹⁰

No conto, a circulação do saber numa nação como o Brasil só legitima as redes de conexões hierárquicas entre a produção do saber e os seus locais de enunciação, fincando determinados esterótipos como traço essencial da identidade do outro. Essa é uma das razões pela qual o texto de Calife nos faz acreditar que o saber informatizado não sobreviveria com sucesso em regiões periféricas como a nossa: atrasada e dependente.

Os discursos vêm sendo articulados a partir de um ponto fundamental: dominação cultural a partir da dominação das linguagens inerentes às novas tecnologias. Traçar a alteridade e definir o Outro dentro desse sistema de representação, possui uma estreita relação com os mecanismos que as margens utilizam para lidar com este saber especializado e “próprio” dos grandes centros.

No final do conto, Calife deixa claro que as grandes potências

não têm nenhuma responsabilidade quanto à extinção dos índios. A culpa toda foi do antigo governo e seus projetos de desenvolvimento da Amazônia. Como pode ver, a floresta está preservada como a encontramos. Se ainda houvesse grandes nações indígenas, nós as

⁹ Idem, Ibidem.

¹⁰ Idem, Ibidem.



teríamos preservado e integrado. Os únicos que escaparam foram absorvidos pela civilização do homem branco¹¹.

Dessa forma, nota-se que o estereótipo

é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais.¹²

Por isso a necessidade de colocar em jogo o movimento dos contrários. Não demarcando subalternamente o saber do outro enquanto atributo próprio de sua condição identitária, mas descentrando, no sentido derridiano, a noção de identidade. “Essa estratégia transporta as margens para o centro a fim de questionar o próprio mapeamento que projeta o centro e as margens como tais - ao sugerir que as margens habitam os centros que as expõem da consciência”¹³.

Entretanto, vemos que os elementos discursivos que Calife utiliza para construir o cenário do Brasil no futuro são postos em cena como legitimadores não só das fronteiras do discurso colonial, mas também do exercício do seu poder ao construir o modo de representação da alteridade nos países periféricos. Sintomaticamente Calife, em outros contos da mesma obra, sempre dedica um a dois de seus parágrafos a construção, ou mesmo repetição da mesma imagem. No conto *O terceiro mundo*, por exemplo, sugere:

- Vamos lá, brasileiro! – Provocou Elisa.

Ela sempre me chamava de brasileiro quando queria me irritar. Meus pais foram brasileiros. Fugiram de lá em 2007, quando o país virou campeão mundial de assassinatos e seqüestros. Chamavam de processo de colombianização. Os empresários que podiam, fugiam para o

¹¹ Idem, Ibidem

¹² BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glúcia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 114.

¹³ CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: edições Loyola, 1992.



exterior. Meus pais emigraram para Costa Rica, porque países do primeiro mundo não aceitavam mais imigrantes latino-americanos.

- Não sou brasileiro. Nasci em San José. Respondi.¹⁴

A oferta de Calife acaba reafirmando o problema colocado por Walter Mignolo¹⁵, em sua discussão sobre colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar, ao relacionar o local geohistórico e a produção do saber. Sabemos que os elementos constitutivos do saber tecnológico pairam hoje sobre uma tênue corda bamba, cujo equilíbrio depende tanto do modo como centro e periferia (países desenvolvidos e subdesenvolvidos) partilham o conhecimento no mundo conectado, quanto dos dispositivos que ativam as relações de poder provenientes dessa interconexão.

O aparato teórico de Mignolo fornece algumas ferramentas fundamentais para deslocar o poder presente nesses discursos e cortá-lo, produzindo, nesse sentido, um esforço não de um modo rompedor, ingênuo e reativo, mas de forma produtiva, que faça-os expandirem por um via dupla: do exterior para o exterior, dos centros para a periferia e vice-versa.

Essa vontade de descentramento denota a transformação e o deslocamento da subjetividade que se nega a ser fixada por qualquer ideologia dominante. Para Bhabha, é necessário questionar as condições que encarceram a alteridade, o Eu e o Outro em seus nichos, desconstruindo sempre as estruturas hegemônicas construídas pelos poderes colonialistas. É através desse tipo de movimento que se torna possível subverter as estratégias dos poderes coloniais, fazendo emergir a subjetividade pós-colonial nos limiares desses discursos, ou fazendo emergir a liminaridade, que para Bhabha é o *lócus* de onde o sujeito negocia sua resistência.

¹⁴ CALIFE, Jorge Luiz. O terceiro mundo. In: *As sereias do espaço*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 43.

¹⁵ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2003.



Daí a necessidade de se refletir sobre o conjunto de signos, presente nesse tipo de produção textual, percebendo quais os seus elementos ativos/reativos e como inventar um outro modo de pensá-los.

Se fizéssemos um esforço para investigar a ficção científica que vem sendo desenvolvida no Brasil, e muitos outros produtos culturais que estão aí formando a subjetividade do povo brasileiro, verificaríamos uma heterogeneidade extraordinária e, ao mesmo tempo, uma homogeneização crucial e difícil de ser pensada. Em suas publicações vigora a idéia de que é fundamental um estudo amplo tanto do sistema literário vigente, quanto da produção massiva que o entrecruza, a fim de que se possa explicitar um outro compromisso teórico que instaure e/ou amplie nas universidades, escolas e em outros lugares do saber uma vontade de mediação cultural capaz de lidar com toda e qualquer construção discursiva.

Só assim começaremos a entender que obras de ficção científica produzidas no Brasil, consideradas como subliteratura ou *Kitsch*, podem funcionar como possibilidades de discussão de problemas políticos/culturais sintomáticos da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CALIFE, Jorge Luiz. *As sereias do espaço*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: edições Loyola, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14ªed. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.



GAMA, Ruy (org.). *História da Técnica e da Tecnologia*. T.A. Queiroz, Editor. EDUSP. São Paulo, 1985.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2003.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

